

A Revista Arteriais chega a sua nona edição com falas importantes e necessárias, vozes resistentes diante de um ano marcado por crises nacionais e mundiais, onde tivemos que parar, refletir e lutar. E lutamos com as armas do pensamento, construindo mundos melhores, mundos possíveis. Com essa faísca de esperança e força, continuamos seguindo. Afinal, o que nos resta é resistir e continuar!

Na seção *PORTFÓLIO* temos *Luiz Braga* que traz um recorte significativo de sua produção, tão cara ao imaginário amazônico, a registrar as pessoas que vivem na região e sua estética. Juntamos tempos distintos para entranhar nesse universo, em uma Amazônia que está viva em cada feira, beira de rio ou rua das diversas cidades da região, e encontrar no trajeto de Braga um grande tributo ao humano e ao próprio luminoso presente nesse território.

Na seção dos *ARTIGOS*, temos: *VÍDEO-INSTALAÇÃO, CINEMA DE EXPOSIÇÃO, CINEMA DE ARTISTA, OUTRO CINEMA, EFEITO-CINEMA: NOMENCLATURAS E NORMAS DE REPRESENTAÇÃO*, de Raquel de Oliveira Pedro Garbelotti, onde a autora reflete sobre a categoria cinema de exposição e suas outras acepções. Desenvolve uma crítica sobre esta forma fílmica (inversão da questão espacial sobre a temporal) e apresenta uma reflexão sobre a forma instalativa; um dispositivo em que em diversas instâncias implica na perda de reflexividade fílmica. No artigo *PARA ALÉM DO TETO PROTETOR, AS ESTRELAS DO FIRMAMENTO RELAÇÕES ENTRE ABRIGO E ABRIGADO A PARTIR DO CONCEITO DE RUÍNA EM WALTER BENJAMIN*, o autor Alexandre Sequeira pretende analisar a partir do conceito de ruína em Walter Benjamin, a relação entre a finitude de uma casa e sua transposição em valores humanos pela perda do sentido de proteção e resistência de quem por ela é acolhido. Já em *ARTE E DELÍRIO: INTERSEÇÃO ENTRE ARTE, POLÍTICA E ECONOMIA NO AMAZONAS*, o autor Howardinne Queiroz Leão vem discutir a partir do livro *Arte e delírio – reflexões sobre a cultura no Amazonas*, escrito em 1985, pelo Diretório Universitário da Universidade do

Amazonas (UA), pilares importantes que geraram uma reflexão acerca do pensamento artístico no Amazonas. O artigo *A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA BRASILEIRA: O ANJO DA HISTÓRIA E A RESSIGNIFICAÇÃO DO OLHAR ESTRANGEIRO NO BRASIL*, de autoria de Daniele Cristina Liberato de Oliveira e Giselle Liberato Caetano de Souza, onde analisam o Anjo da História, de Herbert de Paz, considerando elementos estéticos e as possibilidades de relação com uma produção cultural brasileira, ressignificada ao longo do tempo. No artigo *I-MAGENS DE UM CARUANA ENTRE ESTÉTICAS DE GUERRILHAS*, o autor Francisco Weyl vem refletir questões artísticas, políticas, antropológicas e identitárias, que atravessam ações culturais em comunidades periféricas e quilombolas da Amazônia Paraense.

O artigo *O TEATRO COMO OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA*, de Miliandre Garcia, reflete sobre um trabalho de mapeamento dos problemas, das abordagens e dos objetos que contemplam o diálogo entre história e teatro, partindo principalmente do caso brasileiro. Enquanto o artigo *CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DOS FESTIVAIS DE TEATRO NO BRASIL*, de Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz, vem colaborar com uma investigação relevante sobre a histórica sobre os primeiros festivais de teatro no Brasil, partindo de uma certa trajetória temporal que vai dos festivais artísticos ainda em benefício aos eventos em reverência a autores, passando depois a ter o conceito moderno de reunião de atrações variadas em período e local constantes, além de atividades extras programadas. Já o artigo *AYMOND, UM RUIDOSO SUCESSO: A TRAJETÓRIA DO TRAVESTIDO ARGENTINO NO TEATRO DE REVISTA BRASILEIRO*, de Giovanna Zamith Cesário, vem refletir acerca da importante trajetória do artista argentino Norberto Américo Aymonino, que ficou completamente esquecida pela historiografia do teatro de revista.

Na Seção *ENSAIOS*, temos o texto do artista e pesquisador Edson Barrus, com *SOCORRO! O QUE FOI QUE EU FIZ?* onde o autor transita pelas experiências vivenciais no Espaço Experimental

Rés do Chão, cujas atividades na Rua do Lavradio no Rio de Janeiro e suas desterritorializações, foram fundamentais para a cena artística emergente no início dos anos 2000.

A Revista Arteriais é um espaço de liberdade, um espaço de resistência, um espaço do debate democrático, que tem como sua premissa maior a difusão de conhecimento a partir de uma Universidade Pública. Entendemos nossa liberdade de expressão como bem maior, e, nosso compromisso com o compartilhamento de pensamentos e saberes em torno da arte, um dos pilares de nossa existência.

Os editores